

A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ESTUDO DO SEMIÁRIDO NAS AULAS DE GEOGRAFIA¹

Crisólogo Vieira de Souza
Escola Estadual Cidadã Integral Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz
E-mail: crisologogeografia@hotmail.com

Gabriel da Silva Souto
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: gabriel.souto@estudante.ufcg.edu.br

Mariane Aparecida Marques Sampaio
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: @gmail.com

Ivanalda Dantas da Nóbrega Di Lorenzo
Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail: ivanalda.dantas@professor.ufcg.edu.br

RESUMO

O semiárido brasileiro é caracterizado por abrigar o bioma Caatinga, e marcado pela irregularidade das chuvas característico da semiaridez climática, diante disso, essa irregularidade pluvial e eleva evapotranspiração, os efeitos da estiagem causam impactos na agricultura de subsistência, o que provoca o agravamento dos problemas socioeconômicos. Nesse contexto, o artigo pretende analisar a utilização de músicas como recurso didático para o estudo do semiárido brasileiro. A metodologia utilizada constitui-se da pesquisa bibliográfica e documental sobre o semiárido e o fenômeno da seca e suas múltiplas dimensões, bem como, de músicas sobre a temática que possibilitam maior engajamento dos alunos, permitindo reflexões sobre a região semiárida e seus principais desafios. Considera-se que a discussão do semiárido com esse recurso possibilitou melhor compreensão dos aspectos socioeconômicos e naturais, bem como, das estratégias de convivência com a seca. Portanto, a utilização de músicas, associado a utilização de outros recursos como vídeos e espaço do semiárido na escola permitem aos estudantes compreenderem melhor as potencialidades dessa região, que vai além das narrativas de pobreza.

Palavras-chave: Semiárido, Geografia, Ensino Médio, Seca, Recurso didáticos.

INTRODUÇÃO

De acordo com a última proposta de delimitação do semiárido feita pela SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste)², a extensão territorial do Semiárido

¹ A reflexão acerca deste trabalho advém das experiências do Programa Residência Pedagógica, Subprojeto Geografia, subsidiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Orientado pela Profa. Dra. Ivanalda Dantas da Nóbrega Di Lorenzo, Docente Orientadora do Programa Residência Pedagógica, Subprojeto Geografia, Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Curso de Licenciatura em Geografia, Campus Campina Grande, Paraíba.

² Proposta que foi alvo de críticas por parte de diversas entidades, em virtude disso, até os dias atuais está havendo discussões acerca dessa nova delimitação do semiárido brasileiro.

brasileiro é cerca de 1.318.750 km², englobando 1.477 municípios, distribuídos entre os municípios dos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo.

É imprescindível destacar que o Semiárido tem a maior parte do seu território coberto pela Caatinga, este que é o único bioma exclusivamente brasileiro, rico em espécies endêmicas, ou seja, que não existem em nenhum outro lugar do mundo. Apresenta da grande variedade de paisagens, de espécies, animal e vegetal, nativas e adaptadas, com alto potencial e que garantem a sobrevivência das famílias agricultoras da região.

Apesar do seu enorme potencial natural e, da diversidade cultural e econômica, esse território é marcado por prolongados períodos de estiagem, isto é, irregularidade de chuvas, além da semiaridez do clima e uma alta taxa de evapotranspiração, atrela-se a esses fatores naturais a questão da grande concentração fundiária e de renda na maior parte do seu território, o que agrava ainda às problemáticas de cunho social.

Apesar de destacarmos a semiaridez, vale salientar que isso não significa que exista uma grande escassez de água, pelo contrário, é o semiárido mais chuvoso do Planeta, mas as chuvas são irregulares, no tempo e no espaço. Diante disso, Furtado (1998), enfatiza que a seca provoca, sobretudo, uma crise na agricultura de subsistência, daí suas características de calamidade social, nesse sentido, a combinação das secas meteorológica e hidrológica estão diretamente ligadas aos impactos na agricultura, mas é importante evidenciarmos que houve avanços nos últimos anos, nas políticas sociais para convivência com o Semiárido.

Diante do exposto, e considerando que o município de Campina Grande, localizado no Estado da Paraíba, está inserido nesse contexto geográfico, socioeconômico e ambiental, emerge a necessidade de discutir, nas aulas de Geografia essa temática de muita relevância e que faz parte do cotidiano dos educandos.

METODOLOGIA

Para a realização do presente artigo, utilizamo-nos do método Fenomenológico e o dialético com base na realidade constituída socialmente pelos alunos, professores, Residentes de Geografia, considera-se que os mesmos são agentes modificadores do espaço escolar. O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica, a qual de acordo Marconi e Lakatos (1992) seria uma análise de obras referentes ao tema já publicados nos diferentes formatos,

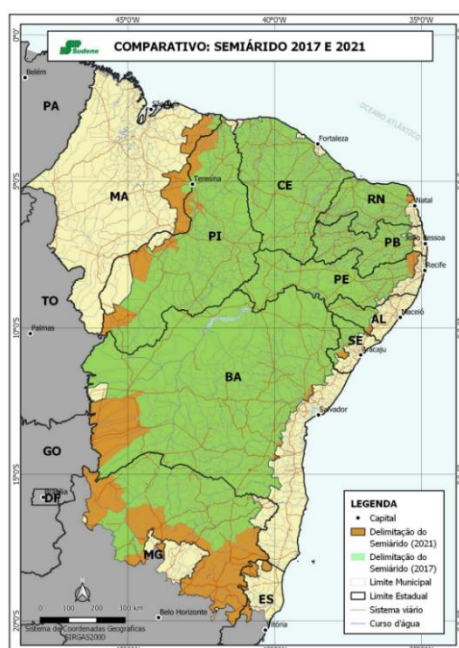
podendo ser em livros, revistas entre outros, para que pudéssemos ter contato com o que já havia sido publicado sobre a temática. Para complementação da pesquisa bibliográfica, foi feita uma pesquisa documental sobre a nova delimitação do Semiárido Nordestino, além de buscar em fontes primárias para as informações necessárias para desenvolvimento do artigo.

A pesquisa foi desenvolvida nas turmas da 2ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Cidadã Integral Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz, localizada no município de Campina Grande – PB, no período de fevereiro a julho de 2023. Os recursos didáticos utilizados foram músicas de Luiz Gonzaga que discutem as questões socioeconômicas e ambientais, vídeos e entrevistas sobre o Semiárido e questões relacionadas à seca.

CARACTERIZAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

De acordo com os dados oficiais da SUDENE (2021), além dos 1.262 municípios já incorporados, passariam a fazer parte do Semiárido brasileiro outros 215 novos municípios (Figura 01) enquadrados em pelo menos um dos três critérios utilizados: Isoieta de 800 mm (média anual do período 1961 – 1990); Índice de Aridez de Thorntwaite (de até 0,50); Risco de Seca, percentagem do número de dias com déficit hídrico igual ou superior a 60% (BRASIL, 2007).

Figura 01. Nova delimitação do Semiárido Brasileiro.



Fonte: SUDENE/IBGE, 2021.

Com essa atualização, a área classificada oficialmente, como Semiárido brasileiro, aumentou de 1.182.697 km² para 1.318.750 km², ou seja, um acréscimo de 16,9%. O Estado de Minas Gerais teve o maior número de inclusões na nova lista passando dos 83 municípios anteriores, para 209. Além de Minas Gerais, 6 municípios do Espírito Santo passam a fazer parte do Semiárido. A área de abrangência passou a totalizar onze Estados brasileiros: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo.

No que diz respeito às características físico/naturais o Semiárido tem a maior parte do seu território coberto pela Caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro, rico em espécies endêmicas, ou seja, que não existem em nenhum outro lugar do mundo. Dessa maneira, Alves *et. al.* (2017) reverbera que “o bioma abriga 178 espécies de mamíferos, 591 de aves, 177 de répteis, 79 espécies de anfíbios, 241 de peixes e 221 abelhas”. Essa grande diversidade na composição florística da Caatinga não teria como ser uniforme em toda a sua extensão; assim, apresenta uma grande variedade de paisagens, de espécies animais e vegetais, nativas e adaptadas, com alto potencial e, que garantem a sobrevivência das famílias agricultoras da região.

Outra característica marcante do Semiárido brasileiro é o déficit hídrico. Contudo, apesar de haver escassez de chuvas em algumas épocas do ano, isso não significa necessariamente dizer que haja constantemente falta de água. Pelo contrário, o nosso Semiárido é o mais chuvoso do Planeta, onde as médias pluviométricas estão entre 200mm e 800mm anuais, dependendo da região.

Levando em consideração que grande parte do Semiárido fica no Nordeste é salutar destacar que essa região do Brasil é a que mais sofre com a escassez do recurso natural – água –, é também, a região mais populosa e, a de menor disponibilidade hídrica. Segundo Bezerra (2002), por se localizar numa área de semiaridez, apresenta regimes pluviais e de temperaturas bastante irregulares.

Em um semiárido com inúmeras desigualdades, são também múltiplas as alternativas e estratégias possíveis para a garantia do acesso à água por sua população. Em grande parte, as alternativas encontradas partem da própria ação individual. Na luta diária pela sobrevivência, mulheres e homens, portadores de um vasto saber adquirido a partir da observação da natureza, ao longo dos tempos, aprenderam a arte de conviver com o meio observando os ciclos das chuvas, o comportamento das plantas, dos animais e, as características do clima e do solo, sendo essas, fontes riquíssimas. Conforme Curi *et. al.* (2003, p. 387) “Em um cenário

de grande hostilidade social e ambiental, saber ler os sinais de chuva ou da seca representa a ampliação das possibilidades de sobrevivência dos agricultores sertanejos”.

Além do mais, foi esse conhecimento que construiu as melhores técnicas de convivência com o semiárido, a partir da iniciativa da estocagem, que tem sido garantida a partir da construção de tecnologias sociais para captação e armazenamento da água da chuva. Essa prática tornou-se uma política pública importantíssima com a construção, por exemplo, de cisternas, desenvolvida pelo MDS (Ministério do Desenvolvimento Social) e da ASA (Articulação no Semiárido Brasileiro) (Candiotto *et. al.*, 2016).

Apesar do enorme potencial da natureza e do seu povo, o prolongado período de estiagem e a irregularidade de chuvas, semiaridez do clima e, as altas taxas de evapotranspiração, também se enfatiza a história da ocupação desse espaço, demarcado secularmente pela história concentração fundiária presente na região, o que também expressa a concentração de renda, processos combinados que ocorrem desde o período colonial, o que influencia até a atualidade no surgimento e permanência de grandes desigualdades socioeconômicas e étnico-raciais. Para entender melhor essa questão se faz necessário discutir a ‘seca’, em suas variadas dimensões desde a Meteorológica até à Socioeconômica.

SECA E SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES

A seca é um dos fenômenos climáticos que mais causa prejuízos na agricultura, pois seu início e fim são de difícil determinação. Ocorre em uma região quando a precipitação para determinado período, apresenta valores abaixo da normal climatológica. A seca não se resume apenas em um fenômeno físico, vai além, influenciando também numa esfera social.

A seca difere de outros desastres naturais por ser um processo que ocorre de forma lenta e que aos poucos vai deixando as suas marcas na população e no ambiente, é necessário destacar também, que existem diferentes tipos de seca que podem ser: Meteorológica, Agrícola, Hidrológica ou Socioeconômica. Vale ressaltar que todas as secas têm a mesma origem, que é a escassez de chuvas (Furtado, 1998).

No que diz respeito à seca Meteorológica, ela se expressa com base no grau de secura e, na duração do período seco comparado com a condição ‘normal’, caracterizada pelo déficit da precipitação em relação ao valor ‘normal’ e, pela falta de água induzida pelo desequilíbrio entre a precipitação e a evapotranspiração. A Seca Hidrológica corresponde a redução dos

níveis de água em reservatórios da superfície e do subterrâneo, geralmente ocorre no fim de um período muito longo de seca meteorológica, sendo resultado dessa.

Já a seca Agrícola, ocorre quando a disponibilidade de água no solo é baixa para o crescimento e desenvolvimento das plantas, provocando uma redução de abastecimento de água, produção de energia elétrica e entre outras. “A seca provoca, sobretudo, uma crise na agricultura de subsistência. Daí suas características de calamidade social.” (Furtado, 1998). A Combinação das secas meteorológica e hidrológica está diretamente ligada aos impactos na agricultura, configurando uma séria problemática no Semiárido, conforme já mencionado.

Por fim, temos a Seca Socioeconômica que se relaciona com o impacto da seca sobre as atividades humanas que são resultantes de uma má distribuição das chuvas, de um aumento no consumo, ou ainda de um mau gerenciamento dos recursos hídricos, incluindo os impactos diretos e indiretos na produção agrícola e, outras atividades econômicas. Ela ocorre quando o déficit de água induz a falta de bens ou serviços (energia elétrica, alimentos, entre outros).

A seca no Nordeste do Brasil é um fenômeno climático periódico. Não há como mudar esse determinismo natural. Os efeitos deletérios e catastróficos da estiagem prolongada são problemas sérios que afligem milhares de pessoas, causando mortes, prejuízos econômicos imensos, desolação, sofrimento e empobrecimento ao povo do Semiárido, a exemplo do que se pode constatar nas obras literárias *O Quinze* (Queiroz, 2011) e *Vidas Secas* (Ramos, 2005). Não se combate à seca, há alternativas que possibilitam a convivência com ela algumas dessas alternativas são: Captação de água de chuva em Cisternas, Barragens Subterrâneas, tanque de Pedras, Barreiros, Integração de bacias, entre outros. Segundo Campos (2012):

No Nordeste Semiárido, em decorrência das adversidades climáticas, que ocasionam grande vulnerabilidade nas fontes hídricas, o programa “Água para Todos” representa uma grande necessidade, mas, também, um grande desafio. As populações difusas que habitam regiões afastadas de rios perenizados e de grandes reservatórios têm em pequenos reservatórios e cisternas suas principais fontes hídricas. Contudo, essas fontes são altamente vulneráveis às secas. (Campos, 2012, p. 285)

Em consonância com o fato supracitado, uma das principais alternativas para convivência com o Semiárido foi o Projeto de Integração do Rio São Francisco com as Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional, mais conhecido como Projeto de Transposição do rio São Francisco, que foi objeto de intensa polêmica entre governos nos níveis federais e estaduais, bem como da sociedade civil. O projeto possuía como principal objetivo, o consumo humano e, a dessedentação animal e que, portanto, não iria solucionar todos os problemas sociais do Nordeste, mas que contribuiria com a melhoria das condições de abastecimento hídrico da região.



A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM DO SEMIÁRIDO

O Semiárido se constitui como palco central nas músicas e poesias relativas à região Nordeste do Brasil, a exemplo das obras produzidas por Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré, sendo estas de grande potencial no ensino de Geografia e demais áreas do conhecimento. Com a modernização nos meios tecnológicos, se faz necessária a busca por novos recursos educacionais que possibilitem melhorias no ensino e aprendizagem. Entre esses recursos podemos destacar a utilização de músicas em sala de aula, que apresenta baixa complexidade e pode ser utilizando por professores da Educação Básica ao Ensino Superior.

Nas aulas de Geografia as músicas podem ser exploradas para diversas temáticas e se planejadas adequadamente podem contribuir para melhoria do ensino, despertando o interesse dos estudantes e contribuindo para a aprendizagem de temas geográficos. Essa necessidade de tornar o ensino de Geografia mais dinâmico pode ser evidenciado nos documentos norteadores da educação, como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 2001), quando estes, ao discorrerem sobre as práticas de ensino da Geografia, afirmam que:

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaços (Brasil, 2001, p. 153).

Nesse contexto, é inquestionável que as músicas possuem o potencial de tornarem o ensino da Geografia mais descontraído e dinâmico, possibilitando aos estudantes uma maior reflexão sobre as diferentes temáticas curriculares. Sobre a experiência com a música, Biagolini (2010, [s.p.]) destaca que:

A experiência com música antes do aprendizado é muito importante. No trabalho pedagógico entende-se a música como um processo contínuo de construção que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir. O uso da música, torna o ensino mais leve e descontraído, criando um ambiente ideal para um bom aproveitamento no aprendizado.



Nessa perspectiva, a relação professor e aluno deve ocorrer de forma mais alegre e não de maneira cansativa, como corriqueiramente ocorre nas aulas expositivas, pois é necessário que haja a transformação do ambiente escolar em local de modificação social de compartilhamento de conhecimento. Sobre esse aspecto Freire (2000, p. 37) argumenta:

[...] a alegria de ensinar e aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes. É por isso que eu falava de que o reparo das escolas, urgentemente feito, já será a forma de mudar um pouco a cara da escola do ponto de vista também de sua alma.

Uma das possibilidades que atrelam essa dinamização das aulas através das músicas com o tema Semiárido (aqui analisado) é a de Luiz Gonzaga, onde o aluno pode fazer uma leitura sobre o semiárido e sobre o Nordeste destacando seus aspectos naturais, socioeconômicos e ambientais. A esse respeito Pereira (2012, p. 143-144) afirma:

O semiárido brasileiro foi retratado com bastante fidedignidade nas canções de Luiz Gonzaga, o qual deixou um rico acervo musical, podendo este ser explorado em sala de aula de modo a trabalhar os conteúdos geográficos, relacionando-os com os elementos característicos desta região, uma vez que 76,2% dos municípios paraibanos se encontram dentro da nova delimitação do semiárido, fazendo-se necessário que as escolas inseridas nessas localidades passe a trabalhar com uma educação contextualizada com a realidade dos educandos, podendo uma dessas iniciativas perpassarem por um reconhecimento e, conseqüente, valorização dos elementos que compõem tais localidades, quer sejam o clima, a vegetação, o relevo, a hidrografia, a cultura, dentre outros.

Assim, o ensino da Geografia e do Semiárido passam a ser abordados de forma lúdica através das músicas de Luiz Gonzaga, por exemplo, contribuindo para o entendimento de questões relevantes como a pobreza, as dificuldades socioeconômicas da região Nordeste, o êxodo rural, o processo de migração de nordestinos e também, os aspectos naturais do Semiárido como a seca, o clima e a vegetação da Caatinga (caracterizada pela presença de plantas xerófilas), podendo refletir sobre os problemas ambientais e a busca por alternativas de convivência com os efeitos deletérios do clima semiárido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A música é um recurso didático importante para dinamizar o ensino de Geografia, despertando o interesse destes pelas aulas. A partir da inserção das músicas nos conteúdos trabalhados em sala de aula sobre o Semiárido nas turmas da 2ª série do Ensino Médio (EM),

da EECI Deputado Álvaro Gaudêncio, observou-se que houve um maior interesse e desempenho por parte dos alunos para com o conteúdo que foi trabalhado, constatando o que foi discutido pelos autores supracitados que reverberam sobre a importância da música no processo de ensino/aprendizagem.

Através de uma pesquisa das músicas de Luiz Gonzaga, foram selecionadas, 10 letras com suas melodias em áudio, que retratam características culturais, socioeconômicas e naturais do semiárido brasileiro, com todas as suas especificidades, foram as seguintes: Asa Branca; Vozes da Seca; A Volta da Asa Branca; Riacho do Navio; A vida de viajante; Pau de Arara; A Triste Partida; Xote Ecológico; Baião da Garoa (Luiz Gonzaga e Hervé Cordovil) e Pobreza por Pobreza. Foi possível identificar as características marcantes do semiárido nas músicas de Luiz Gonzaga e que fazem parte do cotidiano dos estudantes, emergiram discussões acerca da importância da valorização da cultura e dos aspectos naturais dessa região.

As músicas foram associadas aos conteúdos ministrados nas aulas em conjunto com o Filme 'Gonzaga de Pai para Filho' que retrata um pouco da vida e obra de Luiz Gonzaga, além de outros documentários sobre o semiárido, utilizados e reportagens vinculadas pela mídia sobre a seca para análise e reflexão desse fenômeno natural.

A utilização de recursos didáticos como as músicas e vídeos sobre o semiárido possibilita a desconstrução do fenômeno da seca como apenas algo que provoca exclusão social, mas a partir das discussões estabelecidas em sala é possível entender que a seca é um fenômeno de origem natural, não sendo possível combatê-la, mas sim, propor estratégias de convivência com a semiaridez.

A culminância da atividade foi desenvolvida com a ajuda dos estudantes das turmas do 2º Ano do Ensino Médio, resultando na elaboração de um espaço caracterizado como o Semiárido, no ambiente escolar, onde foram apresentadas plantas do bioma Caatinga e elementos da cultura nordestina (Figura 02), além de um trabalho interdisciplinar com a literatura de cordel, destacando o Movimento Armorial³ de Ariano Suassuna, surgido na década de 1970 e, que possuía como vertente artístico-cultural, a valorização das artes populares nordestinas.

³ Ariano Suassuna e um grupo de artistas e escritores, fundou em 1970 em Recife-PE o Movimento Armorial, que nas palavras do próprio escritor, "A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romancero Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeça ou pífano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romancero relacionados." (Jornal de Semana, 20 de maio de 1975).

Figura 02. Espaço do Semiárido criado na EECI Dep. Álvaro Gaudêncio.



Fonte: SOUZA, Crisólogo Vieira de, 05 de set. 2023.

Partindo do pressuposto de que desconstruimos o fenômeno da seca a partir das músicas, da arte, da literatura, por exemplo, em conjunto com as reflexões de forma concomitante, ajudam a romper os paradigmas e estereótipos sobre a região do Semiárido, pois as mídias corriqueiramente colocam essa região como sinônimo de pobreza e miséria (Albuquerque Júnior, 2009). Em contrapartida, quando é realizada uma análise mais detalhada procurando contextualizar o Semiárido do presente, as heterogeneidades dessa região, os estudantes compreendem as potencialidades do Semiárido brasileiro e sua importância socioeconômica e ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo, inicialmente se faz uma análise acerca da delimitação do Ssemiárido brasileiro, com base na proposta da Sudene (2021), na qual o território abrange 1.318.750 km² e um total de 1.477 municípios brasileiros, compreendendo 1.262 municípios pertencentes aos nove Estados do Nordeste, Minas Gerais que passou de 83 municípios para um total 209 municípios e 6 municípios do Espírito Santo.

Este trabalho advém de pesquisa-ação em sala de aula na disciplina de Geografia pelo Residência Pedagógica e discutiu sobre o fenômeno natural da seca e suas múltiplas dimensões, destacando a Seca Meteorológica, Agrícola, Hidrológica ou Socioeconômica. Essas temáticas foram apresentadas como proposta para a sua discussão em sala de aula com a utilização da música como recurso didático nas aulas de Geografia, possibilitando romper

com o ensino tradicional e proporcionar uma aprendizagem significativa e ao mesmo tempo lúdica para os estudantes.

A utilização desse recurso didático com os alunos das turmas da 2ª série do Ensino Médio, da EECI Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz se mostrou positiva permitindo melhor entendimento dos aspectos socioeconômicos e naturais, bem como, das estratégias de convivência com a seca. Nesse contexto, foi possível identificar as características marcantes do semiárido brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga e que fazem parte do cotidiano dos estudantes, o que permitiu discussões acerca da importância da valorização da cultura e, dos aspectos naturais.

Portanto, a utilização de músicas na escola, no ensino de Geografia, associada à utilização de outros recursos como vídeos e a promoção de espaços educativos contendo estudos acerca do Semiárido brasileiro possibilitam aos estudantes compreenderem melhor as potencialidades do Semiárido brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Telma Gomes Ribeiro et al. **Bioma caatinga: conhecer para conservar**. Anais IV CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/36097>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p.

BEZERRA, N. F. **Água no semiárido nordestino experiências e desafios**. In: Água e desenvolvimento sustentável no semiárido. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, Série debates, n. 24, 169p, 2002.

BIAGOLINI, Carlos Humberto. **Música: Ferramenta de Ensino para a construção de conhecimentos**. Publicado em: 14 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/musica-ferramenta-de-ensino-para-a-construcao-de-conhecimentos-3041682.html> > Acesso em: 18 de ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Câmara dos Deputados. **Nova delimitação do semiárido brasileiro**. Estudo. Brasília, DF, nov. 2007. pp.24.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Ministério da educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3 ed. Brasília, 2001. 166p.

CAMPOS, J. N. B. **A evolução das políticas públicas no Nordeste**. In: MAGALHÃES, A. R. A questão da água no Nordeste. Brasília: CGEE, 2012. p.261-87.

CANDIOTTO, L. Z. P.; GRISA, F. F.; SCHIMITZ, L. A. **Considerações sobre a experiência de construção de cisternas em unidades de produção e vida familiares (UPVFS) do município de Francisco Beltrão – Paraná.** REVISTA NERA, [S. l.], n. 29, p. 174–193, 2016. DOI: 10.47946/rnera.v0i29.3119. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/3119>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

CURI, M. V. et al. **Conhecimento tradicional e previsões meteorológicas: agricultores familiares e as “Experiências de Inverno” no semiárido Potiguar.** V Rev. Econ. NE, Fortaleza, v. 44, n. especial, p. 383-402, jun. 2013. Disponível em: <<https://www.bnb.gov.br/revista/ren/article/view/37/19>>. Acesso em: 22 de ago. 2023.

DELIMITAÇÃO DO SEMIÁRIDO - 2021: Relatório final. Elaborada por Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - Sudene. Frederico de Moraes Bezerra. Coordenador de Planos Programas e Projetos (org.). RELATÓRIO FINAL. Recife, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/02semiaridorelatorionv.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FURTADO, Celso. **Seca e poder: entrevista com Celso Furtado/** entrevistadores Maria da Conceição Tavares, Manuel Correia de Andrade, Raimundo Pereira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4ª ed. p.43 e 44.

PEREIRA, Suellen Silva. **A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino – uma proposta didático-pedagógica.** Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 3, set./ dez. 2012. ISSN 2236-4994 I 137. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/geografia/article/download/7576/pdp>>. Acesso em: 17 de ago. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** 92ª ed. –Rio de Janeiro, José Olympio, 2011.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 97ª edição. Rio de Janeiro, Record, 2005.